

Liderança feminina: identidade construída num reassentamento de atingidos por barragens

KACHIA TÉCHIO

Mestranda em Antropologia, Universidade Nova de Lisboa,

E-mail:kachia@alunos.fcsh.unl.pt

A meta central da teoria e da prática económicas atuais – a busca de um crescimento económico contínuo e indiferenciado - é claramente insustentável, pois a expansão ilimitada num planeta finito só pode levar à catástrofe. Fritjof Capra

Introdução

O presente trabalho faz parte de uma investigação centrada no surgimento de uma rede social permeada pelo compartilhamento do conhecimento, numa comunidade atingida pela construção de uma barragem no Estado do Paraná, Brasil.

Este texto pauta-se em entrevistas com a mulher que, gradativamente tornou-se uma das líderes do movimento, e aqui será denominada como ‘Margarida’¹, realizadas durante o ano de 2003, totalizando quatro horas de gravação, posteriormente, por mim, transcritas, analisadas e aqui apresentadas.

Meu envolvimento com essa comunidade deu-se no ano de 2001 quando fui convidada a assistir à Mostra Cultural que era organizada anualmente desde 1998, ano em que as

primeiras famílias chegaram ao local do reassentamento, como forma de preservar aspectos considerados necessários na construção da nova rede comunitária. Dessa forma os sujeitos participavam de oficinas de música, teatro e poesia, durante os primeiros meses do ano, quando criavam peças que durante a mostra eram submetidas a avaliação por pessoas especializadas em cada temática para posterior premiação.

Minha participação também ocorreu através da elaboração de uma oficina intitulada ‘Os sonhos femininos construindo a história’, no dia internacional da mulher em 2003.

A construção desta barragem no sul do Brasil, deslocou 600 famílias, as quais foram divididas em dez reassentamentos construídos a partir de 1997 pelo estado do Paraná.

Os atingidos uniram-se, em princípio de forma desordenada, e gradualmente, elegeram dois líderes, um homem e uma mulher, os quais representaram todas as famílias durante as negociações. Posteriormente esta associação das seiscentas famílias, foi chamada de CRABI – Comissão Regional dos Atingidos pela Barragem do Rio Iguaçu, e filiou-se num movimento nacional liderado pelo MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens, o que lhes propiciou o caminho para a politização.

A partir da CRABI, elegeu-se um sub-líder com função de auxiliar na administração dos fundos destinados à construção das casas em cada reassentamento. Cabe aqui registrar que na prestação de final de contas, as equipas compostas pelos próprios atingidos, como forma de lhes garantir trabalho enquanto as novas terras ainda não estavam aptas ao plantio, tiveram seus registos de despesas aprovados e nalguns casos com saldo positivo.

O reassentamento aqui analisado, será denominado de Vale das Margaridas, por observar-se nas novas propriedades a presença constante desta flor, é o maior entre os dez e consagra uma espécie de centro do movimento, foi composto inicialmente por 243 famílias que chegaram no início de 1998, e foram reassentadas em lotes de terras que variavam consoante o número de membros da família representando sua força de trabalho, recebendo um mínimo de sete alqueires.

As primeiras famílias chegaram em 1998, e foram reassentadas em áreas de terras que variavam de acordo com o número de membros de cada família, recebendo um mínimo de sete alqueires de terra variável conforme a força de trabalho da família. A construção das moradias também foi determinada pelo número de membros.

O lugar social de liderança contou com representantes masculinos e femininos e a análise das trajectórias femininas, que este trabalho pretende, faz-se delineada pela trajectória de uma mulher, Segundo Velho (2003) “os indivíduos na sociedade moderno-contemporânea, mesmo nos locais e setores aparentemente mais isolados ou identificados com uma tradição

cultural específica, transitam entre vários mundos, participam de experiências diversificadas em múltiplos planos da vida social e, assim, desempenham vários papéis sociais” (Velho, 2003, p.42) construindo e reconstruindo a partir da memória, novas e diferentes formas de sociabilidade. Ainda é necessário observar que “as crenças e valores não desaparecem da noite para o dia diante do impacto da chamada modernidade. Não só há ritmos diferentes, mas densidades próprias nos fenómenos culturais” (Velho, 2003, p.43).

Margarida ao constituir-se líder obteve legitimação de todo o grupo (homens e mulheres), ao mesmo tempo que legitimou a voz e, portanto, a participação feminina em suas diferentes singularidades. Dando voz e espaço a outras mulheres, inclusive de gerações anteriores, como observa-se na fala

há 34 anos, quando eu e o Cravo casamos, viemos morar aqui. Era só mato. A estrada era o rio e foi por isso que construímos a nossa vida aqui, perto do rio. Depois chegaram os jagunços e grileiros para tirar as nossas terras. Eles vinham de dia saber onde as famílias moravam e à noite matavam todos, queimavam barracos e tudo o que vivesse dentro deles. Nós, com fé em Deus e vontade de viver, toda noite deixava o barraco e ia dormir no mato, em cima de esteira, que era o nosso colchão. Como eu não podia plantar por causa dos jagunços, passei anos alimentando meus filhos com peixes que eu pescava escondida no mato. Isso já era uma luta para permanecer na terra que nós enfrentamos e vencemos. Mas lá pelos ano de 90 surgiram os boatos, que depois se confirmaram, sobre a construção da barragem que ia nos tirar da terra onde eu vivi, criei meus filhos e vejo meus netos crescer. Aqui eu ajudei a construir a comunidade, nesse cemitério estão enterrados meu sogro, cunhados, sobrinhos compadres e muitos amigos. Sei que vai ficar um pedaço de mim aqui. Mas como lutei e venci contra os jagunços e grileiros, também luto e dou força para os novos. (Entrevista com Margarida 2, em 1999)

Trata-se, de acordo com Giddens, de uma análise estratégica em que se recorrerá as falas recolhidas numa entrevista semi-estruturada realizada à referida líder (em 2003).

É preciso considerar que uma oposição entre as dimensões individual e social do sujeito consiste em uma separação forçada, visto que a singularização torna-se possível através do movimento do sujeito em meio às relações interpessoais, confrontando-se e diferenciando-se do outro, em uma relação dialéctica sujeito - grupo - sujeito. Ou seja, a partir do funcionamento intersubjetivo, a constituição do sujeito na sua singularidade, (...) envolve diferenças e semelhanças frente ao outro, movimentos de aproximação e afastamento do outro, posturas de convergência e divergência em relação ao outro. O sujeito é uma composição, nada uniforme e regular, dessas tensões e sínteses (Góes, 1993, p. 5).

No início era a mulher...

Não sendo independente do meio, o sujeito também não é produto directo e mecânico desse meio, devendo ressaltar-se a mutualidade da constituição do sujeito que, ao ser produzido também produz, no seio de uma complexa malha relacional, feita de perturbações

desencadeadas e experienciadas, numa contínua coordenação recorrente de comportamentos comunicativos (Maturana & Varela, 1995) que “por envolver o pensamento conceitual e a linguagem simbólica (...) também gera imagens mentais, pensamentos e significados” (Capra, 2002, p. 93). As emoções e sentimentos são, em tal contexto, tão cognitivos como os raciocínios e são indispensáveis à tomada de decisões em contextos pessoais e sociais (Damásio, 1995, 2000 e 2003).

[...] às vezes nas rodas de chimarrão¹ comentavam... porque desde 1977 já havia um estudo dos militares no sentido de que tinha um potencial para a construção da barragem, mas nunca ninguém levava a sério. Mas, naquela missa a gente ficou sabendo, e eu levei um choque muito grande, porque pela primeira vez eu senti que era uma ameaça, que era possível que a gente tivesse que sair dali.¹

O lugar social, consiste na posição simbólica ocupada pelo sujeito no grupo, a qual marca o seu discurso e, por conseguinte, o modo como é significado pelos demais. Em contexto grupal, os lugares sociais ocupados pelos sujeitos são fundamentais na constituição do sujeito e do colectivo. Margarida descreve-se como agricultora,

alguém que levanta cedo, tira leite, trata os bichos, cuida dos filhos ,vai para a roça, cuida da casa, lava roupa, entende? Então, minha rotina era essa. Nos finais de semana, sábado e domingo dava catequese. Era ministra da comunidade, ia para o culto, organizava a comunidade no sentido mais religioso (...)

e, assumindo-se como membro comprometido da comunidade, considera que, de certa forma, já exercia alguma liderança, embora num contexto (religiosos) onde não havia necessidade de disputar o poder:

eu sempre fui muito dedicada na comunidade, sempre fui catequista, já exercia de certa forma uma liderança, porém quando se trata de religião, de igreja, é mais fácil, não tem disputa acirrada de poder... e tal, agora quando você vai discutir, vai disputar espaço, aí começam as questões.

Na caracterização que faz deste papel de “certa liderança”, Margarida tipifica alguns clássicos estereótipos de “masculino” e “feminino”: o homem como “líder e tomador de decisões” e a mulher como alguém que “oferece apoio e é seguidora leal” (Morgan, 1996):

e a gente tinha... até que tinha, outra liderança na comunidade... homem... porque geralmente é assim! Então para representar lá fora, a comunidade, é fulano e fulano, agora para organizar aqui dentro na comunidade, repassar recados, etc., então fica a Margarida, entende? Ah, pra mim tudo bem, tinha uma coisa... é que eu também não me importava com essas coisas... de poder, de espaço... porque eu achava que meu espaço estava legal, e eu fazia aquilo com o maior prazer e gostava.

¹ Todas as falas registradas neste texto são retiradas de entrevista oral gravada e transcrita por mim, em 2003, com a mulher que se transformou em líder do movimento, aqui designada apenas de Margarida. Duas falas citadas neste texto referem-se a uma entrevista realizada em 1999 com outra mulher participante do movimento e aqui encontram-se identificadas como Margarida 2.

As perturbações desencadeadas nos sistemas sociais não têm um conteúdo informativo e determinista, de fora para dentro, constituindo-se antes como desencadeadoras de respostas emergentes individuais e colectivas que se vão construindo na maior ou menor definição/indefinição das comunicações produzidas e partilhadas.

A gente não tinha informação na comunidade... entende? Não sabia o que estava acontecendo ... as pessoas que iam não conseguiam transmitir.... E acho que o processo todo, naquele momento, era uma discussão muito mais ampla (...) do que a obra [construção do reassentamento] ... A gente começava pensar não só no económico... mas começava pensar “porque é que a barragem tá sendo construída?”

Margarida descreve como a sua participação se tornou continuada e “envolvente” e como considera que se iniciou uma certa “profissionalização”. Torna-se, então, claro que “fazer é conhecer e conhecer é fazer” (Maturana & Varela, 1990). Como numa rede social seguindo uma dinâmica complexa e altamente não-linear, se produz “um sistema comum de explicações, crenças e valores, um contexto comum de significado que é continuamente sustentado por novas comunicações” (Capra 2002, p. 95). Ressalta como é que, através deste contexto comum de significado, “cada indivíduo adquire a sua identidade como membro de uma rede social, e assim a rede gera o seu próprio limite externo”, não físico mas “feito de pressupostos, de intimidade e de lealdade” (*id. ibid.*).

Qualquer rede social produz, igualmente, “um corpo de conhecimentos comuns – feitos de informações, idéias e capacidades práticas – que molda não só os valores e crenças da cultura, mas também o seu modo de vida específico. Fazem parte das lentes com que vemos o mundo” (Capra, 2002, p. 99). Nas diversas culturas as pessoas têm identidades diferentes não só porque “esposam conjuntos diferentes de valores e crenças”, mas também porque cada indivíduo “pode pertencer a diversas culturas” (*id., ibid.*).

naquela época eu fiz uma pesquisa, entrevistei, trabalhei com um atingido por Itaipu (...). Ele acabava ajudando a gente a pensar o nosso movimento aqui, as estratégias de resistência, sabe, de ocupação de obra, então a gente fazia. Nesse período... de aprendizagem... que eu digo que foi uma faculdade... foi uma universidade, para mim, porque aprendi muito em todos os aspectos de minha vida. Acho que aí foi onde eu, um pouco... me profissionalizei, no sentido de entender não só o [contexto] local... não só aquele projeto que estava pensado ali, para a região.

Margarida remete-nos, também, não só para a necessidade de uma compreensão mais sofisticada das relações de género nas organizações, como para os efeitos de emergência em rede já atrás referidos. As organizações são mecanismos complexos, onde as estruturas de poder e caminhos para oportunidades frequentemente deixam em desvantagem aquelas pessoas que não tem muita idéia de como essas organizações funcionam. Acontece que, na

maioria das vezes, essas pessoas são mulheres, que tendem a ter menos experiência no aprendizado das tramas da vida organizacional.

eu estava num espaço que era dos homens e que eles por muitas vezes, talvez, até não gostariam que eu estivesse... mas eles dependiam da minha pessoa, eu era a única mulher, cansei de ir a reuniões com cinquenta homens e só eu de mulher (...) lembro de uma reunião em que a gente teve muito sucesso, e algumas pessoas disseram o quanto tinha sido importante uma mulher estar junto nessa reunião. (...) mas um cara olhou para mim e insinuou que eu não estava sendo profissional. (...)

Assim, em sua trajetória de trabalho Margarida percebe e é envolvida no processo de construção das subjetividades que compõe estas estruturas, e passa a ocupar-se em “abrir espaço” para outras mulheres.

...Mas como lutei e venci contra os jagunços e grileiros, também luto e dou força para os novos. (Entrevista com Margarida 2, em 1999)

Margarida ocupa um lugar social forjando seu espaço não porque disputava a voz e o mando do e no grupo, mas porque concedia a vez. Não quer dizer que se omitia. Ao contrário, suas ações asseguravam a voz ao feminino (que estava em menor número) e ao masculino, sem destituição do seu lugar. Assim, legitimar o feminino é arma estratégica de enfrentamento a todas as tentativas de eventual opressão masculina.

(...) Aquele dia eu não sabia o que eu fazia, eu tinha vontade de bater, de chorar eu não sabia como reagia. E aí eu prometi a mim mesma que a minha luta maior ia ser para que as mulheres tivessem equidade, não é questão de igualdade, eu não sou igual aos homens e nem quero ser igual, eu quero ser tratada com equidade, e não só eu, eu quero que outras mulheres sejam tratadas com equidade.

A consciência de cidadania aponta para uma perspectiva ampla, que se coloca além da significação tradicional dos papéis sexuais. Segundo Bennis (1999) “ao invés de retrainar as mulheres (ou homens) e aprisionar todos os envolvidos em um sonho falso, é necessário verificar a natureza das organizações complexas”.

(...) O fato de ser liderança, a gente é um espelho e as nossas ações refletem em outras pessoas e elas ficam esperando para ver o que você faz, qual o caminho você vai e ficam vendo, se você vai se dar bem ou não. Se você se der bem elas podem seguir, e você se der mal, elas não vão seguir, entende?... Esses são preços de você ser a liderança. Agora eu sempre digo, depois que a gente é mordida pela questão da consciência, do que é você lutar, não aceitar mais determinadas coisas na sua vida, poder fazer a diferença, fazer as coisas serem diferente, você nunca mais fica quieta no teu canto.

E a mulher fez-se núcleo

Numa relação complexa lider-lideradas, emergiu o que, de forma mais contundente, revelou a quebra da relação por estereótipos e os desencontros marcados pelo legado social do gênero: a elaboração conjunta de um plano para a formação do Núcleo de Mulheres que, a princípio, pretendia divulgar e ensinar aspectos ligados à saúde familiar e economia doméstica, mas tinha como pano de fundo os próprios direitos das mulheres.

(...) Quando existe uma violência muito forte de repressão, se a gente dissesse que ia trabalhar a violência e os direitos da mulher você acha que alguma mulher ia aparecer? Não. Mas, plantas medicinais, aprender algumas coisas sobre alimentação alternativa, ora, isso é bom, entende? até os homens estimulavam para as mulheres irem. Bem, eu acho que foi uma estratégia muito sábia nossa, e principalmente, naquele momento eu me sentia muito só.

A estruturação do núcleo de mulheres foi acompanhada de um programa de palestras cujo objectivo era mostrar o entrosamento necessário entre ensino e prática quotidiana. Se este entrosamento era fundamental na hora de lutar pelos direitos, os obstáculos nesta realização nem sempre foram suaves, quer por pressões de ordem econômica, quer pelo estado pouco desenvolvido dos debates ou por factores de ordem cultural e social que criavam uma dicotomia entre o modelo inspirador e a realização do projecto.

Por exemplo, a mulher valia 0,8 de uma força de trabalho e o homem 1,0... nós dissemos. Aqui não! A mulher tem o mesmo valor... e a gente não sabia direito nossos direitos, naquela época, flava qualquer coisa, você se sente ameaçada, flava o que pensa, depois você vai buscar argumentos e tal... e fui apoiada de certa forma até pelos homens porque isso ia aumentar o lote de terras... às vezes me dava raiva, porque eu me sentia usada.

A atribuição de lugares tomou outras direcções, inesperadas para o que inicialmente se fez presente como comunicação, como relação. Se este movimento se deu de maneira implícita, no começo, ele tornou-se, depois, explicitamente consentido e presente nas falas dos componentes do grupo em momentos de discussão. Nesse contexto, os indivíduos não sacrificam seus interesses pessoais em prol da visão maior do grupo; ao contrário, a visão compartilhada torna-se uma extensão de suas visões pessoais.

...o que você estuda, aprende, ou o que você pratica, também é muito ligado a uma questão de valores que você tem... e eu estava lá, não preocupada só em mim, ...quando eu ia para uma reunião, para uma formação, um encontro ou debate, não ia pensando só em mim e na minha família, pensava no núcleo familiar, eu pensava em mim, mas eu conseguia pensar na comunidade, e sempre assim... eu estava dentro da comunidade, se a comunidade fosse beneficiada, se a comunidade conquistasse, eu estava incluída dentro deste processo,

É importante ressaltar-se que esta aprendizagem de Margarida também envolve lidar de forma criativa com as forças de oposição ao diálogo e à discussão produtiva. Algumas

dessas forças são chamadas de “rotinas defensivas”, formas habituais de interação que nos protegem a nós, e aos outros, de ameaças ou constrangimentos, mas que tanto podem impedir a aprendizagem como desencadear novas emergências criativas. Bennis (1999) em seus estudos considera que “revitalização” é um termo que pode abranger todos os mecanismos sociais que são paralisados e corrigidos e o processo desse ciclo. Os elementos da revitalização, são: capacidade de aprender a partir das experiências e de armazenar e recuperar o conhecimento relevante; capacidade de “aprender a aprender”, isto é, desenvolver métodos para melhorar o processo de aprendizagem; capacidade de adquirir e utilizar mecanismos de feedback quanto ao desempenho, ou seja, possuir autocrítica e capacidade de direcionar seu próprio destino.

A dinâmica complexa das redes sociais.

A acção colectiva, entendida como acção que é desencadeada por uma consideração mútua, realiza-se com o envolvimento de todos e tem como resultado o colectivo e é central na compreensão da constituição do sujeito e dos grupos.

(...) A gente passou por várias fases... Acho que primeiro... foi a resistência contra a barragem... essa coisa da terra... do rio... do valor afetivo... as pessoas não queriam perder isso por nada deste mundo. Então o que que a gente fez... a gente resistia... A gente não queria a construção da barragem, de jeito nenhum. E falar na barragem era falar na morte. Mas isso não durou muito tempo, durou dois anos. Aí a gente foi acampar... Quando eles começaram a fazer perfuração, estudos sondagens, a gente foi lá, e acampou no canteiro de obras e disse: “aqui vocês não fazem nada”.

O grupo social refere-se a um espaço de encontro/confronto de singularidades que ali se expressam/ constituem/ transformam, configurando-se ao mesmo tempo como um colectivo e *locus* de diferenças. Embora a acção propriamente colectiva não ocorra em todos os movimentos do grupo, o processo de constituição grupal é interpelado por momentos de produções individuais e em subgrupos, porém, caracteriza-se primordialmente pelo desenvolvimento de acções colectivas

Só que ao mesmo tempo que a gente não queria... tinha um grupo de pessoas que não queria... havia outro grupo, que achava que dava para negociar... Quando a gente fez uma assembleia lá no canteiro de obras, em Setembro de 93... a gente era um grupo menor... aí a maioria vence... então falamos assim: “Vamos negociar a construção da barragem”... Então, para mim essa foi a primeira derrota que a gente teve...

Nota-se, dessa forma que produção da liderança feminina está ligada ao fato de entender-se como parte de um discurso já institucionalizado, e, ao procurar a conquista de novos espaços, ter cuidados para não negar sua história anterior. Afinal, seu reconhecimento

pela comunidade ocorre antes como mulher que participa de determinados rituais e para ser líder precisa preservar estas significações.

Mas eu acho que foi desse “vamos negociar” é que a gente chegou ao projecto. Acho que a primeira fase foi de resistência à construção, a segunda foi de negociação mesmo. Então, o que nós vamos negociar para melhorar?

No regresso “à terra”, a consagração da mulher...

No cansaço da líder, no renascer da mulher, das entranhas das perturbações experienciadas com a liderança, emerge novo movimento de reconciliação entre o indivíduo e o grupo social. É o regresso a agricultura... “à terra”, “ao cotidiano”, “ao grupo de mulheres, como igual”

Estou dando um tempo para mim voltando para a terra...por 10 ou 11 anos eu fiquei muito afastada da terra, entende?... O corre-corre de uma liderança, de você nunca poder ter tempo para você, para a tua família, para nada... você tem que se dedicar integralmente ao movimento... Às vezes eu ia para as comunidades e estava conversando de ‘liderança que não está na terra’ para lideradas ‘que estão vivendo o cotidiano’. Agora, quando me sentar no grupo de mulheres eu vou estar falando de igual para igual, de alguém que está lá vivendo o cotidiano... Eu vou poder estar fazendo essa experiência de parar, de ver, de dar tempo ao meu corpo, ao meu organismo... isso para mim é uma outra aprendizagem, é um outro desafio que eu vou estar fazendo.

Assim, o feminino tomava a voz e em relação de mútuo consentimento, ainda que não explícito, exercendo solidariedade, marcaram seus passos de largada nos primeiros anos de estruturação do reassentamento, e inaugura uma linguagem prenhe de sentidos que se singularizavam na acção feminina:

Eu gosto do campo, do cheiro da terra, eu gosto do cantar dos passaros, eu gosto de ver as coisas crescendo, gosto de me encardir com a terra, é uma coisa diferente... Acho que é uma coisa de cada ser, cada pessoa.... minha relação com a natureza é um pouco resgatar... é voltar aqui e trabalhar, é curtir, é às vezes me estressar também (...) acho que é me reenergizar, é começar de novo (...) Eu estou me realizando.... as pessoas, o que elas são hoje, não são amanhã, elas aprendem. Mudam.

Um sentido que se desprende do que já foi e está formalizado. O sentido, ao contrário do significado formal instituído, mas também socialmente caracterizado, deixa de ser unívoco, directo, explícito, para percorrer direcções irradiantes.

Depois que a gente é mordida pela questão da consciência, do que é você lutar, não aceitar mais determinadas coisas na sua vida, do que é você aglutinar, poder fazer a diferença, fazer as coisas serem diferentes, você nunca mais fica quieta no teu canto.

Considerações

Como Capra (2002), acreditamos que está surgindo uma concepção unificada da vida, da mente, da consciência e das estruturas sociais que, assentando numa análise complexa e não-linear da realidade, vê o “todo como mais que a soma das partes”, procura inventar métodos de estudar as totalidades e esforça-se por contribuir para a construção de um futuro sustentável. Concebendo as estruturas sociais como redes complexas de comunicações, recorrentes e carregadas de significado, sujeitas a fenómenos de emergência e capazes de realizar aprendizagens, a referida concepção desconstrói as clássicas, racionalistas e desincarnadas formas de conceber o indivíduo e o grupo social. “Na medida que estão vivos, os indivíduos e as comunidades são ao mesmo tempo estáveis e sujeitos à mudança”, contudo, “os seus processos de mudança são muito diferentes das mudanças organizativas projectadas por especialistas de ‘reengenharia’ e determinadas pelo chefe supremo” (Capra, 2002, p. 111).

As estruturas sociais contêm sempre “estruturas planeadas” e “estruturas emergentes” e o “meio mais eficaz para potenciar o capital de aprendizagem de uma organização [e de uma comunidade] é apoiar e fortalecer as suas comunidades de práticas” (*op. cit.*, p. 127). Para equilibrar planeamento e emergência há que instigar uma liderança capaz de fazer surgir coisas novas. Ser líder é ser capaz de ter/produzir ideias novas, mas também, e principalmente, ser capaz de habilitar a comunidade a, como um todo, criar novidade. A verdadeira liderança constrói-se pela acção de libertar o talento dos indivíduos da comunidade.

O desenvolvimento comunitário deve, pois, visar a criação de um espaço e de um tempo propício ao desenvolvimento e formação de pessoas com capacidade para apreender os processos de construção das estruturas onde se inserem, capazes de trabalhar em equipe, e viabilizar acções para o comportamento empreendedor e para o desenvolvimento sustentável da comunidade.

Para qualquer organização isso significa atenção consciente à sua própria evolução, para o desenvolvimento de uma comunidade formada por famílias atingidas pela construção de uma barragem, isto pode significar a diferença entre a construção de soluções sustentáveis ou o fracasso do projecto.

¹ Bebida típica do sul do Brasil, feita a partir de erva mate, profundamente associada ao quotidiano familiar.

- ARENDT, H.** *A condição humana*. 9ª ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1999.
- AUGUSTA, N.F.B.** *Direito das mulheres injustiça dos homens*. 4ª ed. Cortez. São Paulo, 1989
- BENNIS, W.** *A invenção de uma vida*. Campus: Rio de Janeiro. 1999.
- BOURDIEU, P.** *Novas reflexões sobre a dominação masculina*, Paris, Inesco, 1994.
- _____. *O que falar quer dizer*. Difel:Algés, 1998.
- CASTELLS, M.** *A sociedade em rede*. V. 1: A era da informação : economia, sociedade e cultura. São Paulo : Paz e Terra, 1999.
- _____. *Material for an Exploratory Theory of the Network Society*. *British Journal of Sociology*, London, 2000, v. 51, n. 1, p. 5-24, Jan.-Mar., 2000.
- _____. *The Internet Galaxy. Reflections on the internet, Business, and Society*. Oxford: Osford University Press, 2001.
- CAPRA, F.** *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2002.
- DAMÁSIO, A.** *O sentimento de si*. 3ª ed. Europa América, Lisboa, 2000.
- GIDDENS, A.** *A constituição da sociedade*, 2ª ed. Martins Fontes: São Paulo, 2003
- GOÉS, M.C.R.** *Modos de participação do outro no processo de significação*. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, 1993 n.1, pp. 23-29.
- LACLAU, E.** *Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo*. Buenos Aires : Nueva Visión, 1993
- _____. *Emancipación y diferencia*. Buenos Aires, 1996
- LANDESBERGER, H.** *Rural protest. Peasants movements and social change*, London, Macmillan, 1974.
- MATURANA, H. & VARELA, F.** *De Máquinas e Seres Vivos*. Snatiago do Chile: Editorial Universitária, 1990
- _____. *A árvore do conhecimento*, Editora Palas Athena, São Paulo, 2002.
- PUTNAM, R.** *Making Democracy Work. Civic Traditions in Modern Italy*. Princeton, NJ : Princeton University Press, 1993.
- _____. *Bowling alone: America's Declining Social Capital*. *Journal of Democracy*, baltimore, v6, n1 p.65-78, Jan, 1995
- _____. *Comunidade e democracia. A experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 2000
- REDFIELD, R.** *Peasant culture and society*, Chicago, University of Chicago Press, 1956.
- SKOCPOL, T.** *Estados e Revoluções Sociais*. Editora Presença, 1989.
- TOURAINÉ, A.** *Movimentos sociais: objecto particular ou problema central da análise*

sociológica. In O retorno do Actor: ensaio sobre sociologia. Lisboa, Piaget, 1996.

VIEZZER, M. O problema não está na mulher. Cortez: São Paulo, 1989

WOLF, E. Peasants wars of the twentieth century, London, Faber, 1973.

¹ Escolhi o Nome Margarida para designar a entrevistada, porque observei que as mulheres deste reassentamento costumam plantar esta flor ao longo da entrada de acesso às suas novas casas, questionadas a respeito, me informaram que a escolha deu-se porque a flor tem as pétalas brancas, cor que representa a paz, o caule verde/esperança e sempre são plantadas em conjunto, nunca sozinhas.